

# Identidades e subjetividades: legitimidade social e visibilidade pública em coletivos de comunicação de mulheres

## Rosana de Lima Soares

Doutora em Comunicação e professora livre-docente na Escola de Comunicações e Artes da USP, foi pesquisadora visitante no King's College Brazil Institute (Londres, 2014, Fapesp). É uma das coordenadoras do MidiAto – Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas e autora, entre outros, de *Sutileza e grosseria da exclusão nas mídias* (Alameda/Fapesp, 2019). Bolsista de produtividade em pesquisa (CNPq).

E-mail: rolima@usp.br

**Resumo:** O artigo tem como objetivo refletir sobre as formas de comunicação presentes nas mídias digitais, especialmente em narrativas audiovisuais e jornalísticas. Por meio da análise de visualidades e visibilidades juvenis, o estudo busca problematizar estigmas, estereótipo e preconceitos em relação às juventudes. Além disso, observa os modos como os jovens se tornam produtores de representações divergentes, interferindo no imaginário social a eles relacionado e instaurando novas subjetividades e práticas de resistência. Para isso, serão observadas produções de coletivos de comunicação audiovisual ou jornalística formados por mulheres ativistas na cidade de São Paulo e voltados para as periferias ou nelas situados.

**Palavras-chave:** Cultura Audiovisual; Comunicação; Jornalismo Periférico; Coletivos Juvenis; Mulheres Ativistas.

**Identities and subjectivities: social legitimacy and public visibility in women's communication collectives**

**Abstract:** This article aims to reflect on the forms of communication present in digital media, especially audiovisual and journalistic narratives. From the analysis of youth visuals and visible images, we discuss the stigma, stereotypes and prejudices related to the types of youth. Moreover, we observe the ways in which young people become producers of divergent representations, interfering with the social imaginary related to them and establishing new subjectivities and practices of resistance. For such, we observed audiovisual or journalistic productions of peripheral communication collectives formed by women activists in the city of São Paulo.

**Keywords:** Audiovisual Culture; Communication; Peripheral Journalism; Youth Collectives; Women Activism.

Este artigo tem como objetivo estabelecer possíveis caminhos teóricos e metodológicos nos quais refletir sobre as relações entre comunicação e coletivos juvenis, avançando considerações desenvolvidas em pesquisa sobre coletivos na cidade de São Paulo, finalizada em 2018<sup>1</sup>. Dessa investigação abrangente, retomamos alguns pressupostos que nortearão nossas observações. O primeiro deles define os discursos midiáticos como práticas sociais e os sujeitos envolvidos nesse processo comunicacional como integrantes de uma cultura audiovisual contemporânea<sup>2</sup>. O segundo concebe os deslocamentos juvenis e a ocupação do espaço urbano realizada por grupos periféricos na cidade de São Paulo como forma de intervenção social. O terceiro pressuposto, por sua vez, reconhece as mediações empreendidas por esses grupos como produtoras/reprodutoras de discursos hegemônicos ou contra-hegemônicos.

Como apontado em estudos anteriores sobre mídias e estigmas sociais, esse movimento pretende questionar se as imagens em circulação nas mídias operam apenas como reforço de discursos estabilizados ou se permitem o surgimento de discursos dissonantes, rearticulando os espaços de partilha do sensível e ampliando os regimes de visibilidade. Nas tensões entre reafirmação ou transformação de estigmas, estereótipos e preconceitos<sup>3</sup>, as narrativas midiáticas propiciam processos de assujeitamento ou de protagonismo, de domesticação ou de resistência (SOARES, 2019a, 2019b).

Na atual variedade de produções verbais, visuais e audiovisuais de caráter factual, destacamos quatro tipos: mídias hegemônicas ou corporativas; mídias independentes ou alternativas; coletivos de instituições ou associações; e coletivos de movimentos sociais ou periféricos. Cabe-nos, neste momento, indagar se as produções dos coletivos de comunicação se mostram mais polifônicas e plurais do que aquelas enunciadas em polos de produção dominantes. Tomando como base esses elementos, a principal pergunta deste ensaio diz respeito às políticas da representação de minorias sociais presentes em narrativas midiáticas alternativas ou periféricas, questionando se nelas os estigmas e preconceitos comumente associados a esses grupos são tratados de modo propositivo ou se, ao contrário, reforçam traços de exclusão, revelando lutas identitárias e disputas por reconhecimento nas mídias.

A partir de dados coletados, elaboramos um quadro com doze coletivos de comunicação audiovisual ou jornalística (Id., 2019b) dos quais destacamos aqueles formados por mulheres e voltados, principalmente, para questões de gênero em produções referenciais ou documentais. No quadro inicial, elencamos oito coletivos de mulheres (cinco deles com interseções entre os eixos temáticos de gênero e etnia) e, dentre esses, cinco de audiovisual, três jornalísticos (um deles atuando nas duas modalidades culturais) e um voltado para intervenções artísticas, todos eles com divulgação em *sites* e *blogs*, mas, especialmente, em redes sociais, tais como Facebook (a mais utilizada), Instagram ou Twitter. Posteriormente, reordenamos os grupos encontrados destacando os coletivos de mulheres que atuam na área da comunicação audiovisual ou jornalística, dos quais falaremos a seguir.

| Nome                          | Eixo temático | Modalidade cultural        | Atuação virtual      |
|-------------------------------|---------------|----------------------------|----------------------|
| 1. Blogueiras Negras          | Gênero/Etnia  | Jornalismo                 | <i>Blog</i>          |
| 2. Coletivo Vermelha          | Gênero        | Audiovisual                | <i>Site/Facebook</i> |
| 3. Empoderadas                | Gênero/Etnia  | Audiovisual                | <i>Site/Facebook</i> |
| 4. Fala Guerreira             | Gênero/Etnia  | Audiovisual                | <i>Site</i>          |
| 5. Nós, Mulheres da Periferia | Gênero/Etnia  | Audiovisual/<br>Jornalismo | <i>Site/Facebook</i> |
| 6. Nossa História Invisível   | Gênero/Etnia  | Audiovisual                | Facebook             |
| 7. <i>Revista Capitolina</i>  | Gênero        | Jornalismo                 | <i>Site/Facebook</i> |

Quadro 1: Coletivos de comunicação de mulheres

Fonte: Borelli et al. (2018)

<sup>1</sup> A pesquisa sobre coletivos juvenis de comunicação articula-se a uma investigação mais extensa, envolvendo teorias e metodologias diversas sobre jovens urbanos e coletivos juvenis, intitulada “Jovens urbanos: políticas públicas, ações culturais, políticas e comunicacionais em São Paulo” (2016-2018), realizada na área de Antropologia do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Vincula-se à Red Iberoamericana de Posgrado en Infancias y Juventudes (Red INJU) e ao grupo de trabalho Juventud e Infancia: prácticas políticas y culturales, memorias y desigualdades en el escenario contemporáneo (2016-2019), do Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Clacso).

<sup>2</sup> Para delimitar o conceito de “cultura audiovisual”, cf. Rodowick (1994). Para o conceito de “discurso”, cf. Fairclough (2001).

<sup>3</sup> Para a definição desses conceitos, cf. Goffman (1978) e Mazzara (1999).

Dentre os doze coletivos de comunicação mapeados, é bastante relevante notar que oito deles são voltados para questões de gênero ou gênero/etnia, sendo que sete desses trabalham nas interfaces entre a produção audiovisual e/ou jornalística: Blogueiras Negras; Coletivo Vermelha; Empoderadas; Fala Guerreira; Nós, Mulheres da Periferia; Nossa História Invisível; *Revista Capitolina*. Se considerarmos suas modalidades mais específicas de atuação, temos a seguinte distribuição: 1) audiovisual: Coletivo Vermelha, Empoderadas, Fala Guerreira e Nós, Mulheres da Periferia; 2) jornalismo: Blogueiras Negras, Nós, Mulheres da Periferia e *Revista Capitolina*. Desses, apenas o Coletivo Vermelha e a *Revista Capitolina* não anunciam ter como um de seus eixos as questões étnico-raciais, ainda que essas temáticas estejam presentes em suas produções. Por meio de levantamento on-line nas páginas dos grupos disponibilizadas na internet, recolhemos algumas informações gerais sobre cada um deles, reproduzidas a seguir.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2O2hYRt> (Facebook); <https://bit.ly/2rBhpXv> (site). Acesso em: 3 nov. 2019.

O Blogueiras Negras<sup>4</sup>, criado em 2012, se define como um grupo virtual e presencial voltado para a produção de conteúdos em diferentes formatos audiovisuais e plataformas (vídeos, livros, áudios), tendo começado como parte de um projeto maior (Blogagem Coletiva da Mulher Negra) e trazendo como eixo articulador questões de gênero e etnia, com vistas a ressignificar o universo feminino afrocentrado e tomando como base o feminismo negro, como lemos em suas páginas digitais:

Este grupo reuniu-se e se institucionalizou em um site que reúne e estimula a produção para veículos de comunicação independentes produzidos por e para mulheres negras. Estamos trabalhando com histórias de vida e interesses diversos; juntando esforços em torno de questões da negritude, do feminismo e da produção de conteúdo. Nós fazemos nossa própria história através de nossa própria escrita, uma ferramenta de luta e resistência. Viemos para contar nossas histórias, nos exercitamos numa atividade que é continuamente negada em uma sociedade estruturalmente desigual e discriminatória. (NUNES, [20-?])

Na página do Facebook (criada em outubro de 2012 e inserida como “organização não governamental”), o grupo conta com 221.410 seguidoras/es e divulga, além de suas atividades, outros eventos de interesse, atuando em rede junto a mulheres negras feministas, ativistas, pesquisadoras, profissionais e integrantes de coletivos e movimentos. Na descrição do Blogueiras Negras, destaca-se esse caráter participativo:

O Blogueiras Negras é um *blog* colaborativo, coordenado por um time de mulheres cujo principal interesse é ser uma plataforma de publicação para mulheres negras. Para além da Coordenação e do time de Colaboradoras, precisamos agradecer a você que nos visita. Nada disso seria possível sem essa ação conjunta de vontades, muito obrigada! (BLOGUEIRAS NEGRAS, [20-?])

<sup>5</sup> Disponível em: <https://bit.ly/33DzPF2> (Facebook); <https://bit.ly/2pTgQI2> (Instagram); <https://bit.ly/36SEuVz> (Twitter); <https://bit.ly/36QtI21> (site). Acesso em: 3 nov. 2019.

O Coletivo Vermelha<sup>5</sup>, criado em São Paulo em 2014, tem como objetivo divulgar e compreender o espaço ocupado pelas mulheres no meio audiovisual e é formado por diretoras, roteiristas, produtoras, montadoras e outras profissionais dessa área. Em sua página no Facebook, sob a definição “organização política”, divulga atividades próprias, cursos e eventos de entidades afins, sempre voltados para a área de produção audiovisual. Há uma série de vídeos com mulheres brasileiras e de outros países publicados com a *hashtag* #minhaprimeiraheroína e grande destaque para palestras sobre imaginários, arquétipos femininos e jornada da heroína, temas sempre presentes nos debates sobre cinema e televisão. Em sua descrição, o grupo, que conta com 6.428 seguidoras/es, declara:

O Vermelha se propõe a pensar criticamente a condição feminina e as relações de gênero, com a intenção de empoderar, dar visibilidade e criar um

ambiente de cooperação entre as mulheres do audiovisual. O VERMELHA quer participar da construção de espaços de reflexão e formação, fomentar o debate público a partir de olhares feministas e contribuir para a mobilização social. (COLETIVO VERMELHA, [20-?])

<sup>6</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2X5M0le> (Facebook); <https://bit.ly/32HKPjz> (Twitter). Acesso em: 3 nov. 2019.

Criado em maio de 2015, o Programa Empoderadas<sup>6</sup> realizou uma série de entrevistas com mulheres negras e conta, no Facebook (onde se define como “programa de TV”), com 46.570 seguidoras/es. Tendo como principal foco a produção de uma websérie em formato documental,

que visa apresentar mulheres negras das mais distintas áreas de atuação (artes, entretenimento, política, empreendedorismo e outras), que possibilitam o empoderamento das demais mulheres. Idealizada por Renata Martins, a primeira temporada foi composta por 14 episódios em parceria com a cineasta Joyce Prado. (EMPODERADAS, 2015)

O grupo desenvolve outras atividades presenciais e divulga, em sua página, ações de coletivos de mulheres com propostas semelhantes, principalmente voltadas ao feminismo negro, destacando mulheres negras atuantes no mercado audiovisual, mas não apenas nessa área.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://bit.ly/32yXWmR> (site). Acesso em: 3 nov. 2019.

Uma revista editada coletivamente por mulheres da periferia e direcionada para moradoras da zona sul da cidade de São Paulo é a principal produção do coletivo Fala Guerreira: Mulheres e Mídia na Quebrada<sup>7</sup>, que participa de inúmeras ações e eventos com outros coletivos de mulheres (especialmente o Nós, Mulheres da Periferia). Ainda que haja várias referências ao grupo no Facebook, não pudemos encontrar uma página própria, apenas a indicação no site (criado em 2016), em que estão disponibilizadas as edições da revista on-line e uma descrição do grupo:

Feminismo racial, divulgação de materiais textuais e audiovisuais, encarceramento, encontros, saraus. É um coletivo formado por mulheres residentes na periferia de SP, que busca dar voz e visibilidade às mulheres periféricas a partir das vivências e histórias que carregam. Entendemos que é no diálogo e na diversidade da trajetória de mulheres adolescentes, jovens, adultas e idosas (cisgêneros ou transgêneros) que construiremos uma representação real – não estereotipada – do que é ser mulher e estar no mundo a partir do lugar que ocupamos. (FALA GUERREIRA, 2016)

<sup>8</sup> O livro foi editado colaborativamente e traz, em suas 530 páginas, dezenas de narrativas de grupos, coletivos e movimentos latino-americanos, contando com a maioria dos/as autores/as formada por jovens ativistas. Informações na página Radio Zapatista. Disponível em: <https://bit.ly/32zaSZX>. Acesso em: 3 nov. 2019.

Como parte de sua variada produção, destacamos o artigo coletivo intitulado “Sustantivo feminino: periferias, lutas, memórias”, na coletânea *Geraciones en movimientos y movimientos generacionales: colectivos, movimientos y comunidades en resistencias* (publicado em 2019 pela Biblioteca Clacso, com acesso livre e gratuito)<sup>8</sup>, organizada pela colombiana Patricia Botero Gómez, com colaboração da argentina Alicia Itatí Palermo e da brasileira Rita de Cássia Alves de Oliveira. Em seu capítulo, escrito em 2017, as autoras apresentam o Coletivo<sup>9</sup>:

O Coletivo Fala Guerreira objetiva colaborar com o empoderamento e fortalecimento da rede das mulheres de periferia tendo em vista a desconstrução dos padrões culturais de classe, raça e gênero, pois uma rede fortalecida é capaz de pautar as mídias e políticas sociais. Para isso, investimos em processos criativos e artísticos para a construção de um feminismo popular/periférico em diálogo com nossa juventude preta, indígena, pobre. O feminismo hegemônico invisibiliza, quando não inferioriza, as mulheres de periferia não reconhecendo nossos repertórios, lutas e necessidades. (OLIVEIRA et al., 2019: 93)

<sup>9</sup> Artigo assinado coletivamente por Danielle Regina de Oliveira, Izabela Machado Alves de Lima, Alessandra Kelly Tavares de Oliveira, Jenyffer Silva do Nascimento, Dayse Pereira de Oliveira, Ana Claudia Folha da Cruz, Aline do Nascimento Aguiar, Beatriz Oliveira de Sousa, Olíria Ribeiro Costa, Juliana Santos da Silva, Michele Rodrigues de Mesquita, Danielle da Silva Braga, Carolina Tiemi Takiya Teixeira, Anabela Gonçalves, Araidla Carlos Aguiar do Vale, Mariana de Brito, Rita Maria Santa Rita Carneiro, Patricia Tirola, Silvana Martins Costa, Gabriela Miranda Nogueira (integrantes do Fala Guerreira).

<sup>10</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2NCmZ4l> (Facebook); <http://bit.ly/2NHetAV> (site). Acesso em: 3 nov. 2019.

O coletivo Nós, Mulheres da Periferia<sup>10</sup>, originado em 2012 e fundado em 2014, é descrito no Facebook como uma “empresa de mídia/notícias” e definido como “um projeto idealizado por mulheres que conhecem e vivenciam o universo feminino de comunidades e bairros da periferia de São Paulo e imediações”. Entre seus objetivos, pretende:

Informar e divulgar ações, criar um canal de diálogo sobre mulheres da periferia e colocar esse tema em discussão. Dar visibilidade, produzir conhecimento, reunir histórias e experiências. Além de fomentar conteúdo em outros veículos e incidência política. Cotas, gênero, periferia, território, arte, feminismo, moda, divulgação de eventos. (NÓS, MULHERES DA PERIFERIA, 2014)

<sup>11</sup> Disponível em: <http://bit.ly/34Wa2rY> (Facebook). Acesso em: 3 nov. 2019.

Definindo-se como formado por jornalistas moradoras de diferentes regiões periféricas da cidade de São Paulo, o grupo produz conteúdos em várias plataformas de comunicação na perspectiva das mulheres e na interseção entre gênero, raça, classe e território. Na página do Facebook, o coletivo conta com 30.423 seguidoras/es e divulga grande quantidade de publicações próprias e de outros grupos, caracterizando-se como um espaço singular por enfatizar a produção comunicacional e midiática nas interfaces entre os gêneros audiovisuais jornalísticos.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2X6Fwc4> (Facebook); <https://bit.ly/2KftCaO> (site) e presente em outras redes sociais. Acesso em: 3 nov. 2019.

Com ênfase na produção seriada audiovisual para mídias digitais, o Nossa História Invisível<sup>11</sup> conta com 5.648 seguidoras/as no Facebook (definido sob a rubrica “cinema”) e realiza, principalmente, a produção de webséries retratando mulheres negras de diferentes vivências e experiências pessoais e profissionais, com incentivo do programa Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) e da Prefeitura de São Paulo. A primeira temporada da série foi feita em 2018, contando a história de dez mulheres negras que, nas palavras das realizadoras, têm vidas “marcadas por outros tipos de opressão além do racismo e do machismo” (NOSSA HISTÓRIA INVISÍVEL, 2017). A segunda temporada, produzida por Agnis Freitas, Camila Izidio, Carol Rocha e Karoline Maia, foi finalizada em 2019 e conta a história de artistas negras em seus processos criativos. A realização de oficinas, rodas de conversa e cursos motivados pela série ou temas correlatos é uma das marcas do grupo, que promove debates em diversos lugares, interferindo não apenas nos processos de produção, mas também na circulação e garantia de acesso a obras audiovisuais para públicos muitas vezes distantes das salas de cinema na cidade.

<sup>13</sup> Em anos recentes, publicações no segmento de revistas *femininas* foram se consolidando como revistas *feministas*, voltadas para diferentes grupos de mulheres e procurando abarcar sua diversidade. Dentre elas, destacamos a *Revista AzMina* (com 135 mil seguidoras/es no Facebook, definida como uma “empresa de mídia/notícias” e uma “organização sem fins lucrativos”), lançada com forte atuação na produção jornalística e audiovisual ativista voltada para mulheres. Tratando de pautas pouco usuais nas mídias e nas publicações voltadas para jovens, e editando-as de modo original, a revista tem se valido de financiamentos coletivos e campanhas para sua sustentação e é composta, em sua equipe, por jornalistas profissionais, muitas delas com experiência em outras áreas, colocando-se no campo do jornalismo independente. Essa é outra distinção referente à *Capitolina*, que justifica sua inserção na amostragem não apenas por se definir como um “coletivo”, mas por não ser editada por profissionais (ao menos não no sentido de uma formação especializada, ainda que os modos de fazer e as técnicas utilizadas sejam muito próximos da produção jornalística). Essa oscilação entre *amador* e *profissional* como parte das definições dos coletivos foi explorada em artigo anterior (SOARES, 2019b). Disponível em: <http://bit.ly/2NE82Yg> (Facebook); <http://bit.ly/2X5gha8> (site). Acesso em: 3 nov. 2019.

Dos coletivos trazidos no quadro, o *Capitolina*<sup>12</sup>, “revista on-line independente para garotas adolescentes” (CAPITOLINA, 2015), apresenta uma característica bastante particular, primeiramente por ser definido como uma “revista” voltada para leitoras mulheres (inserindo-se no gênero mais estendido das “revistas femininas”), dirigindo-se a meninas adolescentes e apresentando um discurso assumidamente feminista<sup>13</sup>. Em um mercado bastante competitivo e por vezes saturado, *Capitolina* acrescenta um diferencial nesse nicho específico. No Facebook, em que está indexada como “revista”, a página conta com 48.582 seguidoras/es, mas é no site da revista que as atividades são mais significativas, pois se trata de publicação regular on-line. A relação com o mercado editorial é bastante forte, não apenas na divulgação de livros, mas na publicação de coletâneas próprias a partir das edições da revista. Criada em 2014 (primeiro ano disponibilizado em seu site) e em sua edição de número 48 (de junho de 2019), *Capitolina* assim se define em suas páginas virtuais:

A *Capitolina* é uma revista on-line independente para garotas adolescentes. Criada por jovens que sentiram falta de ter suas experiências representadas na mídia para este público, a revista tem a intenção de estabelecer um diálogo honesto com as leitoras, sendo acessível e interessante de forma inclusiva, sem restrições de classe social, raça, orientação sexual, aparência física, ou qualquer outra forma de interesse. Misturando todas as formas de artes e discussões sobre os mais variados assuntos para que as mais variadas garotas consigam se encontrar na revista. Nossa intenção é representar todas as jovens, especialmente as que se sentem excluídas pelos moldes tradicionais da adolescência, mostrando que elas têm espaço para crescerem da forma que são. (Ibid.)

Editada de modo colaborativo, a revista traz forte tom político e alto grau de engajamento com suas leitoras, caracterizando-se como ativismo virtual

centrado em formato textual, o que a distingue de outros coletivos – não apenas audiovisuais, mas daqueles reconhecidos como jornalísticos. Ainda que o verbal seja concebido de modo expandido, se mesclando a formas visuais e audiovisuais, e agregando características dos meios digitais on-line tais como imersão, interatividade, não linearidade e multimídia, a definição de “revista”, agregando todos os elementos próprios da linguagem digital voltada para jovens, insere a publicação em um gênero narrativo mais tradicional e, ao mesmo tempo, atesta suas possibilidades de renovação:

Além disso, buscamos mostrar para nossas leitoras as belezas de suas próprias vidas, ao contrário de criar um mundo aspiracional. Para nós, é imprescindível que as garotas vejam suas realidades como algo que deve ser apropriado, ao invés de negado. Assim, a *Capitolina* tem como um dos intuitos mostrar às suas leitoras que as dificuldades pelas quais elas passam são válidas e também possíveis de se resolver sem a necessidade de recorrer a um mundo fictício. E que, apesar de seus problemas, o mundo em que vivem é, sim, um lugar fantástico. A cada mês, nossas matérias principais se adequam a um tema escolhido por nós. Além disso, temos colunas diárias sobre as mais diversas áreas de interesse. Nosso conteúdo é todo escrito e ilustrado por quase um batalhão de talentosas colaboradoras, e inclui também quadrinhos, ensaios fotográficos e produção literária. (CAPITOLINA, 2015)

Após traçarmos um breve panorama dos coletivos de comunicação de mulheres, nos deteremos em dois deles para apontar algumas recorrências e ressonâncias por meio daquilo que compartilham e de suas peculiaridades. Para esse trajeto, selecionamos dois grupos: Nós, Mulheres da Periferia e *Revista Capitolina*, e nos dedicaremos a um debate trazido por ambos: a questão LGBT+, especialmente a relacionada às mulheres.

### **Nós, Mulheres da Periferia e Revista Capitolina: nas bordas da comunicação**

Além da confluência quanto ao tema, consideramos esses os coletivos mais representativos de nossa amostra por quatro razões: 1) cada um deles se insere predominantemente, mas não exclusivamente, em uma das vertentes de comunicação escolhidas, a saber, o audiovisual e o jornalismo, voltadas para público jovem; 2) em suas áreas de atuação, recorrem a estratégias e recursos semelhantes nas páginas do Facebook (utilizado como plataforma de divulgação e contato com o público) e na configuração de seus *sites* (importantes como plataformas de agregação e publicação de seus conteúdos completos), além de trabalharem com linguagem híbrida em termos verbais, visuais e audiovisuais; 3) ambos têm uma quantidade expressiva de seguidores no Facebook, localizada em uma faixa numérica semelhante (entre 30 mil e 50 mil), além de produção atualizada e constante; 4) o recorte de gênero e etnia (ainda que esta não seja tema específico da *Capitolina*), o engajamento social, o posicionamento político, a produção de conteúdos originais de forma colaborativa e a convergência na concepção de seus projetos aproximam os dois coletivos.

A despeito das semelhanças, notamos diferenciações importantes não apenas em termos dos públicos para os quais se voltam, mas relacionadas a seus lugares de produção e recepção. As variáveis de território, classe e geração, além daquelas de gênero e etnia, atestam essas especificidades. O coletivo Nós, Mulheres da Periferia tem recorte territorial, mas forte atuação presencial; o *Revista Capitolina* se caracteriza pelo ativismo virtual e, como colocado pelo próprio grupo, mais voltado para meninas de classe média, ainda que as leitoras das periferias não estejam excluídas de suas pautas. Em termos geracionais, o primeiro aborda questões intergeracionais e propõe, com suas entrevistadas e personagens, essa variedade etária, o que se reflete nos pontos de vista apresentados; *Capitolina*, por sua vez, se volta exclusivamente para adolescentes e jovens mulheres, privilegiadas em seus temas. As formas de financiamento, organização, estrutura de trabalho e

consolidação dos *sites* e páginas on-line carregam diferenças significativas, mas que não farão parte do escopo do artigo, podendo ser considerados em outras análises.

<sup>14</sup> Para outras aproximações ao tema, a comunicação “O mal-estar na representação: das identidades ao reconhecimento”, de Rosana L. Soares e Thiago S. Venanzoni, divulgada em forma de *podcast* pelo grupo de pesquisa MidiAto, busca definir as fronteiras entre esses modos de produção jornalística. Disponível em: <http://bit.ly/2CD8xms>. Acesso em: 3 nov. 2019.

Entre o jornalismo periférico e o jornalismo alternativo<sup>14</sup>, portanto, vemos dois exemplos potentes de como realizar produções de inegável qualidade formal e densidade temática, além de propor inovações estéticas, estilísticas e narrativas. Ambos são considerados autônomos em relação às mídias corporativas, mas estão alinhados com o ideário do jornalismo enquanto instituição social e eticamente comprometida com critérios e regulações dessa prática. Para além dos conteúdos, um interessante desafio é enfrentado por esses dois coletivos: evocar as premissas do jornalismo profissional no que ele tem de rigoroso e preciso em seus processos editoriais (evitando o jornalismo apressado das redes sociais ou a proliferação de notícias falsas) e demonstrar, com seu fazer, as urgentes e necessárias reinvenções desse gênero.

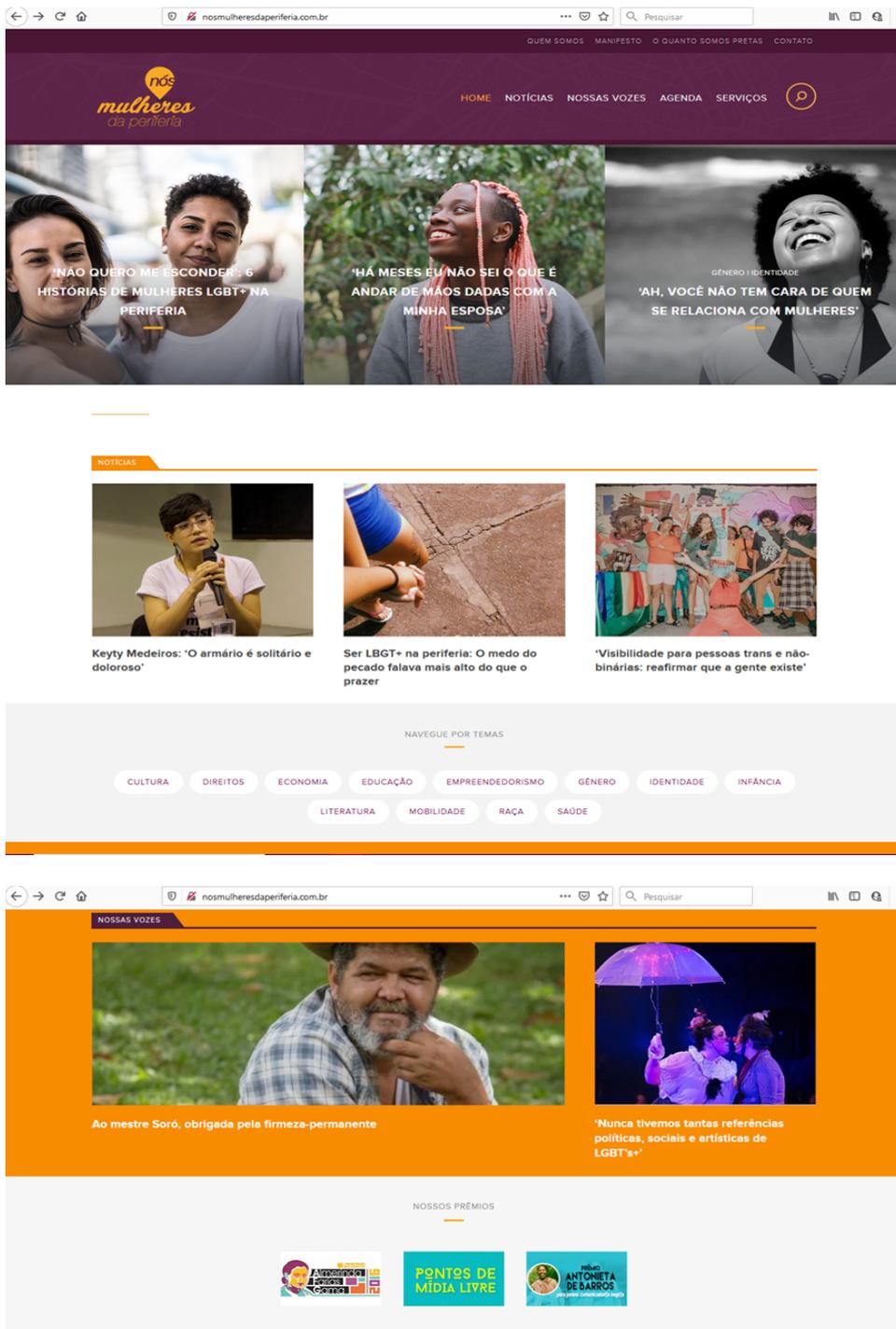
Em suas singularidades, tanto o coletivo Nós, Mulheres da Periferia como a *Revista Capitolina* tematizam e figurativizam, em mídias digitais, as múltiplas facetas do debate LGBT+ por meio de textos e imagens. No alto da página inicial do primeiro coletivo, percebemos as fotos de mulheres em primeiro plano, com as seguintes chamadas colocadas entre aspas, recurso característico do grupo: “‘Não quero me esconder’: 6 histórias de mulheres LGBT+ na periferia”; “Há meses eu não sei o que é andar de mãos dadas com minha esposa”; “Ah, você não tem cara de quem se relaciona com mulheres” (NÓS, MULHERES DA PERIFERIA, 2014). Sob a rubrica gênero/identidade, as fotos dividem a página com as outras matérias sobre o tema, e cada uma delas leva a outras páginas, das quais destacamos a primeira, em que temos um resumo da reportagem e das personagens entrevistadas: Luana Marcos, Angélica Müller, Keyty Medeiros, Isabella Oliveira, Luciene Pereira e Bianca Silva. As leitoras (e leitores) são convidadas a conhecer e se inspirar nos depoimentos em que, segundo o texto, as mulheres “falaram sobre visibilidade, amor, trabalho e direitos” (Ibid.).

Ainda nessa página, lemos a indicação de que o trabalho foi realizado por Bianca Pedrina, Jéssica Moreira, Lívia Lima, Mayara Penina, Regiany Silva e Semayat Oliveira em outubro de 2019, e que a reportagem faz parte de um projeto idealizado pelos coletivos Alma Preta, Casa no Meio do Mundo, Desenrola e não me Enrola, Historiorama, Imargem, Periferia em Movimento, TV Grajaú/SP, DiCampana Foto Coletivo e Nós, Mulheres da Periferia, como parte do projeto #NoCentroDaPauta e apoio da Fundação Tide Setubal, que colabora com a Rede Jornalistas das Periferias<sup>15</sup>. Os coletivos citados integram essa Rede com outros grupos e já desenvolveram algumas ações, entre elas as sabatinas “Periferias Convidam”, com candidatos à Prefeitura de São Paulo em 2016, e o “Virada Comunicação”, em 2017, sobre problemas e perspectivas nas periferias.

Por meio de dados e informações de contexto mais amplo, a reportagem pergunta sobre as experiências cotidianas de mulheres LGBT+ que circulam em “territórios periféricos” ou nas “bordas da cidade”, relatando suas vivências e dilemas. A apresentação destaca os números relativos à violência praticada contra essas mulheres e, de modo particular, àquela sofrida pelas mulheres LGBT+ das periferias. Os números dos relatórios citados atestam, ainda, o aumento dos casos de óbito e outras formas de agressão contra pessoas LGBT+.

Nos depoimentos, ouvimos as entrevistadas relatarem situações cotidianas de enfrentamento de estigmas e preconceitos, bem como de estereótipos arraigados no senso comum, não sem sofrimento estampado em suas falas, narradas em primeira pessoa, apontando para a ausência de compreensão ou acolhimento em suas próprias famílias e, ainda mais, no entorno social, como se a urgência de necessidades materiais deixasse em segundo plano aquelas de ordem subjetiva.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2XcqJNc>. Acesso em: 4 nov. 2019.



Figuras 1, 2, 3: Página inicial com destaque para a temática LGBTQ+

<sup>16</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2NHetAV>. Acesso em: 3 nov. 2019.

Fonte: Nós, Mulheres da Periferia<sup>16</sup>

Sem nos demorarmos nos relatos, gostaríamos de apresentar as seis personagens que compõem a reportagem pela diversidade de mulheres LGBTQ+ por elas representadas em territórios periféricos. A primeira das entrevistadas, a atriz e palhaça Angélica Müller, é moradora de Perus e participou do Festival Latino-Americano de Circo LGBTQI+ em Montevideu (Uruguai), mas mostra algo preocupante em curso no Brasil:

O que estamos vivendo no Brasil é algo perigosíssimo e preocupante, nossos irmãos e irmãs estão morrendo e perdemos direitos a cada dia, porém, simultaneamente, vejo em nós uma força que nunca houve na história deste país, nunca nos afirmamos tanto, nunca tivemos tantas referências políticas, sociais e artísticas de LGBTQs, mulheres, negros e periféricos. (NÓS, MULHERES DA PERIFERIA, 2019d)

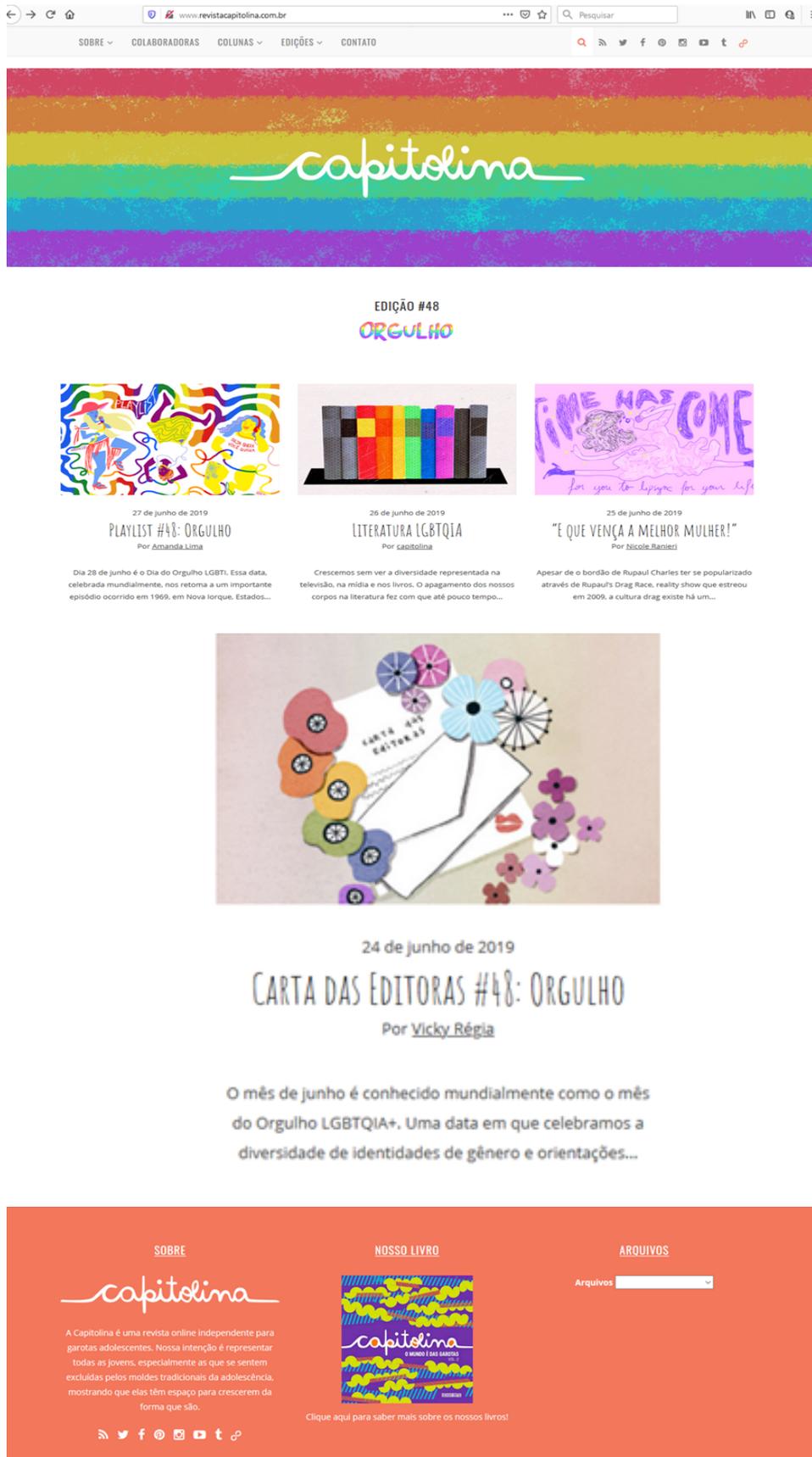
Keyty Medeiros, de 26 anos, jornalista, bissexual e moradora da zona sul de São Paulo, relata algo ainda pouco abordado: a dificuldade de, nesses espaços urbanos, assumir sua sexualidade e ser respeitada, transparecendo, em suas palavras, um peso constante em que o simples afastamento geográfico não basta para resolver o problema: “O armário é solitário e doloroso. Eu cansei. Não quero mais entrar e sair do armário sempre que entrar e sair de casa, nem dar explicações segurando minhas próprias chaves nas mãos” (Id., 2019c). No terceiro depoimento, a entrevistada é Isabella Oliveira, de 19 anos, fotógrafa, moradora da zona norte de São Paulo. Ela relata sentir medo de assumir sua sexualidade ao ver o aumento dos casos de agressões e violências contra pessoas LGBTQ+ em inúmeras cidades do país: “Há meses eu não sei o que é andar de mãos dadas com a minha esposa, ou conhecer alguém e dizer que ela é minha mulher. Tudo isso por medo, medo das pessoas do governo e por aí vai” (Id., 2019b).

Luana Marcos Uchôa Nascimento, integrante da Coletiva Travas da Zona Sul, que atua em saraus e festas, tem 28 anos e mora no extremo sul do Grajaú. Luana se apresenta como artista plástico e produtor cultural e, em seu depoimento, ressalta que, entre outras identidades, se assumir como “trans” carrega inúmeros estereótipos em relação a esse lugar social, cercado de expectativas e, muitas vezes, visto como homogêneo: “A gente quer dar visibilidade para pessoas e artistas trans, não-binárias, LGBTQs e reafirmar que a gente existe, que estamos aqui desde sempre e que estamos ocupando mais espaços” (Id., 2019f), afirma. O mesmo é percebido no perfil de Bianca Silva, jornalista de 20 anos, moradora da zona leste de São Paulo: “Mas, hoje, ser mulher vinda da periferia e integrante da comunidade LGBTQIA+, é ser desafiada todos os dias a continuar pelo que se acredita ou se render ao que dizem estar fadado no estereótipo criado há muito tempo” (NÓS, MULHERES DA PERIFERIA, 2019e).

Os estereótipos sociais impostos por outros grupos, considerados normativos, ou mesmo pelas minorias sociais a que pertencem impõem inúmeros desafios a pessoas LGBTQ+, muitas vezes com poucas chances de expressar suas identidades de gênero. A desconstrução, portanto, de estigmas e estereótipos geradores dos mais variados preconceitos faz parte do ativismo daqueles que pretendem encontrar legitimidade social por meio de uma visibilidade pública ativa<sup>17</sup>. A última mulher entrevistada, Luciene Pereira José da Costa, moradora da região metropolitana de São Paulo, ouviu muitas vezes: “Ah, você não tem cara de quem se relaciona com mulheres” (Id., 2019a), como se isso fosse uma marca aparente em seu corpo e passível de julgamento pelos outros. Declarando-se feminista e não monogâmica, criada por uma família de mulheres, sua fala sintetiza o que vemos nesses relatos publicados em destaque na página do Nós, Mulheres da Periferia – muitas mulheres, no plural, e, por que não dizer, muitas periferias: “É resistir dia após dia, é lutar e perceber quanto você é importante, independente de quanto você é apontada e julgada, pelo patriarcado, pelo machismo, e por tudo isso que é a nossa sociedade. Ser uma mulher preta, LGBTQ, na periferia é resistência todos os dias” (Ibid.).

Em junho de 2019, mês do orgulho LGBTQ+, a *Revista Capitolina* também lançou um especial sobre o tema, que se encontra em destaque em sua página inicial, como mostrado nas Figuras 4, 5, 6 e 7.

<sup>17</sup> Para uma primeira aproximação a esses conceitos, duas entrevistas de Jacqueline Teixeira oferecem aportes importantes: <http://bit.ly/370RNTM> (YouTube); <http://bit.ly/34SCMBN> (podcast Nós, Mulheres Negras). Acesso em: 5 nov. 2019.



Figuras 4, 5, 6, 7: Página inicial com destaque para a temática LGBT+  
Fonte: Capitolina (2015)

No editorial que acompanha a edição 48 da *Revista Capitolina*, uma *carta* apresenta as intenções dos textos nela reunidos, assinada pelas jovens autoras que assim se descrevem: “A Capitolina é uma revista online para garotas adolescentes, que procura ser acessível e inclusiva, abrindo um diálogo com as leitoras. Somos MUITAS garotas, de idades variadas e de lugares variados, divididas em várias áreas e funções” (CAPITOLINA, 2015).



Figuras 8 e 9: página com editorial sobre temática LGBT+

Fonte: Capitolina (2019)

O tom posicionado e engajado, pouco comum no jornalismo tradicional, reafirma a linha editorial da revista, denunciando mecanismos de coerção e opressão social, defendendo abertamente a causa LGBT+ e assegurando o compromisso da publicação com questões políticas e sociais muitas vezes ausentes nas mídias. Falando para mulheres, mas não apenas sobre elas, as reportagens abordam aspectos multifacetados.

Dirigindo-se às leitoras, as editoras são enfáticas na afirmação do direito à diferença e no combate à marginalização e discriminação da população LGBTQIA+. Por meio de uma *playlist*, divulgada na plataforma de música Spotify, a revista traz vinte músicas que tematizam a questão da liberdade afetiva e amorosa; uma reportagem com sugestões de oito livros com histórias de pessoas não heterossexuais ou não cisgêneras, referindo-se ao conceito de representatividade também na literatura; e uma matéria assinada sobre a cultura *drag* e sua popularização nas mídias, explicando as origens, os desdobramentos, as principais figuras públicas e as leituras de outras reportagens sobre o tema. Em linguagem simples, direta e informal voltada para público jovem, os textos trazem muitos *links* e citações em suas páginas, permitindo às leitoras/es explorarem outros aspectos dos conteúdos, terem um primeiro contato com os assuntos e aprofundarem seus conhecimentos nos tópicos que mais interessarem a elas/es.

Ao observar essas obras multimidiáticas, percebemos distinções de ênfases, posicionamentos, estilos e formas entre as mídias tradicionais, o jornalismo independente e as produções periféricas – em que as *periferias* podem se referir tanto às bordas da sociedade como àquelas do próprio jornalismo em termos da organização de seus processos de criação, bem como na relação estabelecida com o público em seus locais de circulação. Os coletivos de comunicação audiovisual e jornalística, na sua variedade, promovem rupturas em vários âmbitos. Após percorrer algumas de suas contribuições, voltamos às premissas do artigo para delas derivar breves considerações.

### Ao redor das margens: identidades, subjetividades, reconhecimento

Depois de apresentar as produções dos coletivos, retornamos para aspectos mais gerais dessas narrativas, constituídas por inúmeros hibridismos e pela reiteração das complexas tramas da representação. Sublinhando os “novos realismos” (SOARES, 2019a) inscritos em suas imagens e os modos de construção de identidades e subjetividades das/os jovens nelas retratados, ressaltamos as assimetrias na articulação dos discursos midiáticos sob dois vieses – aquele que atribui maior grau de reversibilidade entre narradores e sujeitos narrados e aquele que, ao contrário, oferece menor *espaço* para essa troca de posições<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> Para essa questão, ver artigo sobre as relações entre produção musical e periferias urbanas na cidade de São Paulo em diferentes momentos históricos: “Se nos anos iniciais o olhar sobre a periferia situava-se em um ponto de vista exterior a ela, tendo como narrador um sujeito que olha de longe os seus habitantes e estabelece uma separação entre ‘eles’ e ‘nós’, um ‘lá’ e um ‘aqui’, no momento seguinte a enunciação se aproxima desses sujeitos periféricos” (VICENTE; SOARES, 2019: 318).

Aos nos voltarmos à crítica cultural da mídia (SILVA; SOARES, 2013, 2019); à distinção entre mídias corporativas ou alternativas e aos diversos agente sociais nelas presentes; à investigação dos conceitos de identidade, representação, visibilidade e reconhecimento; aos aportes advindos dos estudos culturais, incluindo as noções de subalternidade, dominação e vulnerabilidade social; à temática da alteridade em sua relação com o estabelecimento de uma voz própria de sujeitos comumente silenciados, marginalizados ou excluídos dos discursos dominantes e de suas formas de representação, indagamo-nos sobre possíveis *visibilidades periféricas* encenadas nessas narrativas midiáticas, permeadas por embates discursivos.

Nesse sentido, novos parâmetros se colocam: concebendo as políticas da representação enquanto políticas de identidades e subjetividades (HALL, 2003), não podemos perder de vista questões que dizem respeito ao campo social. Seja em processos mais individuais (voltados a cada sujeito) ou mais participativos (voltados aos grupos), é preciso equilibrar demandas que enfatizam as diferenças e seu direito à representação, e aquelas que ressaltam a igualdade de direitos e a dimensão coletiva, para que não sejam gestadas novas formas de segregação. Entre o mesmo e o outro, os iguais e os diferentes, o eu e o eles, cada um – e todos nós – estamos implicados, simultaneamente, em processos de autoafirmação e de abertura à dimensão política das mudanças históricas.

Finalmente, abordamos as diferenças cada vez mais marcantes entre produções audiovisuais hegemônicas (feitas por conglomerados empresariais privados) ou contra-hegemônicas (feitas por grupos independentes, sejam eles profissionais ou amadores). No artigo, valorizamos não a reiteração de estigmas, estereótipos e preconceitos, mas suas subversões, que não necessariamente se encontram na mídia dominante e, muitas vezes, estão presentes na intensa e crescente produção realizada *periféricamente*. Nos coletivos constituídos por jovens de diversas minorias sociais (mulheres, negros, indígenas, migrantes, refugiados, entre outros), situados nas bordas geográficas e simbólicas das cidades, vemos surgirem narrativas que sinalizam trajetos alternativos e engendram novos imaginários possíveis.

### Referências

BLOGUEIRAS NEGRAS. *A equipe*. São Paulo, [S. l.], [20-?]. Disponível em: <http://bit.ly/2NYIKLH>. Acesso em: 3 nov. 2019.

BORELLI, S. H. S. *et al. Jovens urbanos: políticas públicas, ações culturais, políticas e comunicacionais em São Paulo*. Relatório de pesquisa. São Paulo: PUC, 2018.

CAPITOLINA. *Sobre a Capitolina*. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://bit.ly/2O47Fwd>. Acesso em 3 nov. 2019.

CAPITOLINA. *Carta das editoras #48: orgulho*. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/2O3UAmQ>. Acesso em 3 nov. 2019.

COLETIVO VERMELHA. *Quem somos*. [S. l.], [20-?]. Disponível em: <https://bit.ly/36OteJX>. Acesso em: 3 nov. 2019.

EMPODERADAS. *Sobre*. [S. l.], 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2Q3XBWO>. Acesso em: 3 nov. 2019.

FALA GUERREIRA. *Sobre o Fala Guerreira: mulheres e mídias na Quebrada*. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/32yXWmR>. Acesso em: 3 nov. 2019.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília, DF: UnB, 2001.

GOFFMAN, I. *Estigma*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MAZZARA, B. M. *Estereotipos y prejuicios*. Madri: Acento Editorial, 1999.

NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. *Missão*. São Paulo, 2014. Facebook: [nosmulheresdaperiferia/](https://bit.ly/34ScY8R). Disponível em: <https://bit.ly/34ScY8R>. Acesso em: 3 nov. 2019.

NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. "Ah, você não tem cara de quem se relaciona com mulheres". São Paulo, 2019a. Disponível em: <http://bit.ly/34ZBfdj>. Acesso em: 4 nov. 2019.

NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. *Há meses não sei o que é andar de mãos dadas com a minha esposa*. São Paulo, 2019b. Disponível em: <http://bit.ly/36RBGbc>. Acesso em: 4 nov. 2019.

NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. *Keyty Medeiros: "O armário é solitário e doloroso"*. São Paulo, 2019c. Disponível em: <http://bit.ly/2Q886bE>. Acesso em: 4 nov. 2019.

NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. *Nunca tivemos tantas referências políticas, sociais e artísticas de LGBT's+*. São Paulo, 2019d. Disponível em: <http://bit.ly/2KcuzAj>. Acesso em: 4 nov. 2019.

NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. *Ser LBGT+ na periferia: o medo do pecado falava mais alto do que o prazer*. São Paulo, 2019e. Disponível em: <http://bit.ly/2X8erFh>. Acesso em: 4 nov. 2019.

NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. *Visibilidade para pessoas trans e não-binárias: reafirmar que a gente existe*. São Paulo, 2019f. Disponível em: <http://bit.ly/2O56kVV>. Acesso em: 14 nov. 2019.

NOSSA HISTÓRIA INVISÍVEL. *Sobre*. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2CIhcDP>. Acesso em: 3 nov. 2019.

NUNES, C. Quem somos. *Blogueiras Negras*, [S. l.], [20-?]. Disponível em: <https://bit.ly/2Q42K17>. Acesso em: 3 nov. 2019.

OLIVEIRA, D. R. *et al.* Sustantivo femenino: periferias, luchas, memórias. In: BOTERO GÓMEZ, P.; ITATÍ PALERMO, A.; ALVES DE OLIVEIRA, R (org.). *Generaciones en movimientos y movimientos generacionales: colectivos, movimientos y comunidades en resistencias*. Manizales: Biblioteca Clacso, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2KcgnHB>. Acesso em: 3 nov. 2019.

RODOWICK, D. N. *Audiovisual culture and interdisciplinary knowledge*. Digital essay. Program in Film Studies. Rochester: University of Rochester, 1994. Disponível em: <https://at.virginia.edu/2Qvp1ow>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SILVA, G.; SOARES, R. L. Para pensar a crítica de mídias. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 820-839, 2013.

SILVA, G.; SOARES, R. L. Possibilidades políticas da crítica em perspectiva teórica. *Revista Rumores*, v. 14, n. 26, 2019. No prelo.

SOARES, R. L. Culturas juvenis e estigmas sociais: entre reconhecimento e resistência. In: COELHO, C. N. P.; SOARES, R. L. (org.). *Produtos midiáticos, práticas culturais e resistências*. São Paulo: Cásper Líbero, 2019a.

SOARES, R. L. *Sutileza e grosseria da exclusão nas mídias*. São Paulo: Alameda, 2019b.

VICENTE, E.; SOARES, R. L. São Paulo na canção: notas para uma geografia musical da metrópole. In: ROZESTRATEN, A.; BECCARI, M.; ALMEIDA, R. (org.). *Imaginários intempestivos: arquitetura, design, arte & educação*. São Paulo: FEUSP, 2019.